Revista dos Seminários Internos de Estagiários do Programa Fica Vivo!

INSTITUTO ELO

FICA VIVO!

GOVERNO DE MINAS
DEFESA SOCIAL

Revista dos Seminários Internos de Estagiários do Programa Fica Vivo!

PREFÁCIO

Esta revista é produto de diversas reflexões promovidas pelos espaços dos Seminários Internos de Estagiários realizados nos anos de 2011 e 2012. Tais reflexões trazem consigo inúmeros olhares e discussões acerca do que a Política de Prevenção Social da Criminalidade através do Programa Controle de Homicídios Fica Vivo! contribui para a qualidade da promoção social da juventude.

Os Estagiários do Programa Fica Vivo! representam um importante operador desta política no que diz respeito a uma constante articulação entre o saber teórico adquirido na academia e a prática do trabalho cotidiano , tornando assim, o espaço de trabalho em uma constante troca e construção de saberes.

É com muito orgulho que apresentamos então a 1ª Revista dos Estagiários do Programa Fica Vivo!. Esperamos que esta seja apenas a primeira de muitas! Boa leitura!

Núbia Vieira de Souza
Gerente de Orientação Técnica e do Trabalho em Rede
Programa Fica Vivo!
Coordenadoria Especial de Prevenção à Criminalidade
Secretaria de Estado de Defesa Social

SUMÁRIO

Grupo de Jovens do Bairro Taquaril 3

Adolescência, sexualidade e cidadania 15

SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SUBLIMAÇÃO EM OFICINAS
Uma leitura das atividades realizadas por jovens
em uma oficina de Funk a partir da psicanálise 29

Facilitando o Encontro e as Novas Possibilidades 45

A Permeabilidade da Política de Prevenção Social a Criminalidade
e a atuação como política pública de base local 49

Articulando Sexualidade à Política de Prevenção a Criminalidade
com a Juventude 65

Sexualidade Viva! O Jogo 69

GRUPO DE JOVENS DO BAIRRO TAQUARIL

Giovanni Alberto da Silva[1]

Gislene Ferraz[2]

Paulo César Silva[3]

Arte: Abhay

Palavras Chave: Grupos, *Funk*, *Fica Vivo!*

Introdução

O presente artigo é o resultado da experiência de uma intervenção realizada pela equipe técnica do Programa *Fica Vivo!* e da apresentação na reunião de estagiários do programa. Nesta, foi pro-

1 Estagiário de Psicologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais
2 Estagiária de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais
3 Estagiário do Serviço Social do Centro Universitário Izabela Hendrix

posto a escrita de um texto que possibilitasse reflexões e análises da prática de trabalho, mas também diálogos entre áreas como a Pedagogia, Psicologia e Serviço Social construindo assim um saber interdisciplinar, mesmo tendo um numero pequeno de pesquisas na área educacional[4] e das ciências sociais[5] relacionados a juventude.

Nesse sentido, podemos destacar que o Programa *Fica Vivo!* compõe a política de prevenção a criminalidade, sendo implantado em 2002 como projeto piloto no Morro das Pedras visando controlar e prevenir a ocorrência de homicídios dolosos em áreas que registram altos índices de criminalidade violenta em Minas Gerais. Hoje, o programa conta com 11 Centros de Prevenção a Criminalidade (CPC's) em Belo Horizonte, 10 na Região Metropolitana e 6 no Interior do Estado. Estes centros sãos instalados em locais estratégicos e onde tem um índice significativo de homicídios com jovens com idade entre 15 e 29, por este motivo, uma das metodologias e objetivos do Programa *Fica Vivo!* é atender os jovens que tenham entre 12 e 24 anos através de oficinas e atendimentos psicossociais, dentro outros.

Assim, para além dos espaços de promoção da Política de Prevenção à Criminalidade nas localidades atendidas, busca favorecer a integração entre jovens atendidos em diversos espaços das cidades, um dos motivos também da formação de grupos, pois possibilita uma maior mobilidade dos jovens, aumentando a sua participação nos espaços urbanos (LEITE, 2009).

---

4 De 1980 a 1995, 4% do total das dissertações e teses estão relacionadas aos jovens.

5 A produção de teses e dissertações da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, entre 1950 a 1996, existem apenas 35 trabalhos relacionado à juventude.

Metodologia e Seminário O Som Que Treme Tudo

Sempre quis falar, nunca tive chance
Tudo que eu queria estava fora do meu alcance (...)
(Charles Brown Junior – "Não é sério")

O grupo de jovens faz parte da metodologia do programa *Fica Vivo!* e tem como proposta discutir diversas questões relacionadas à vivência dos jovens moradores das comunidades estando dentro de um dos eixos de atuação do programa: a Intervenção Social. Neste processo alguns conceitos como participação, política, pertencimento, comunicação e trocas de experiências são essenciais para mudanças subjetivas e coletivas.

Nesse sentido, no ano de 2011 foi construído pela equipe técnica do programa juntamente com jovens e oficineiros um Seminário intitulado "O Som que Treme Tudo" com o objetivo de problematizar algumas temáticas relacionadas ao *funk* como gênero/sexualidade, violência e os *funk*s dançante e consciente. Pensando na metodologia do programa e partindo de algumas demandas vindas de jovens que estiveram no evento, mas não participou com falas, a equipe iniciou a elaboração de um projeto para dar continuidade às discussões do seminário: o Grupo de Jovens.

É importante tentar identificar quem são esses jovens para que seja pensada em uma intervenção adequada a vivência deles. Pensando desta maneira, é possível destaca-los como sendo jovens que na esfera cultural "cria formas próprias de sociabilidade, de práticas coletivas e de interesses comuns, principalmente em torno dos diferentes estilos musicais" (DAYRELL & GOMES, p. 15),

que neste caso, é o *funk*. Considerando que de acordo com sua condição juvenil, estão sempre em busca de marcar sua identidade juvenil, que longe dos pais ou patrões, assumem o papel de protagonistas construindo assim as culturas juvenis. Essa cultura é marcada principalmente pelos estilos musicais, pelas expressões simbólicas da sua condição, como por exemplo, o estilo de roupa e a dança (DAYRELL, 2007). É muito importante permitir que os jovens tenham um lugar deles e para eles, onde possam se expressar, dar suas opiniões sem ter vergonha do que um ou outro possa pensar, ou seja, que eles tenham a oportunidade de fala, mas que também sejam escutados, que sejam escutados seus desejos, medos e pensamentos.

Com alguns cuidados tomados, como a identificação desses jovens, o Projeto previa construir grupos de no máximo doze jovens, para dar oportunidade de fala a todos, sendo assim iríamos, se necessário e se caso houvesse maior demanda, dividir em mais grupos. O convite foi feito inicialmente para os jovens de oficinas estratégicas, como por exemplo, aquelas em que estiveram presentes nos três dias do seminário, entendendo que seria uma continuidade da discussão iniciada no mesmo. É importante ressaltar que este foi o tema inicial deixando claro que para os jovens que o tema discussão seria aberto para que o grupo tivesse autonomia para escolher os próximos temas.

O que segue, são os resultados do projeto e uma discussão sobre eles, com base nos autores citados acima, intercalando com a nossa experiência.

A proposta inicial era construir o grupo junto com os jovens que trouxeram a demanda até nós, mas infelizmente isso não foi possível, pois diante de alguns convites feitos pela equipe para esses jovens e o não comparecimento dos mesmos em nenhum dos encontros, não foi possível a fazer essa construção junto com a equipe. Frente com uma tentativa de construção em conjunto do grupo e da nossa primeira frustração, recebemos no CPC um grupo de jovens que toparam nosso convite para participar da discussão proposta pela equipe, com isso foi possível notar que um jovem específico seria o mobilizador do nosso grupo.

Com o primeiro encontro marcado, contamos com a presença de cinco jovens, dentre eles duas meninas, mobilizados pelo jovem comentado acima. O grupo se iniciou retornando a discussão do seminário sobre o *funk* e que representação ele tem para os jovens, através de um cartaz feito por eles em um dos dias do seminário, em que havia tanto frases adeptas ao ritmo quanto frases que o criticavam. Além disso, foram debatidos vários assuntos relacionados ao *funk*, como por exemplo, sua relação com "favela" e com os estilos das roupas usadas pelos *funk*eiros, e problematizado algumas questões relacionadas às letras e sobre a condição da mulher no *funk*.

A discussão com relação às letras iniciou-se com o questionamento se elas incomodavam ou não, principalmente as meninas, já que as letras em sua maioria fazem referências a elas, a partir daí tivemos uma fala muito interessante de uma das meninas, dizendo que a letra não incomoda por que: "quando agente dança, agente

não escuta a letra". Sua fala nos faz pensar: como dançar e ignorar a letra? Porque dançar determinada música se a letra incomoda? Já os meninos não se mostraram muito incomodados. O assunto foi fluindo com várias opiniões a respeito até se chegar à relação das letras que fazem apologias a criminalidade sendo relacionadas à "favela". Essa questão foi muito debatida sobre que relação uma coisa tem com a outra dando exemplo inclusive de aglomerados, que segundo um dos jovens, se alguém de outra região entrar em uma determinada favela região não sai. Sua fala nos remete a pensar sobre o porquê disso, será que jovens de outra comunidade pensam a mesma coisa a respeito? Quanto às roupas que são usadas pelos *funk*eiros, principalmente pelas mulheres, é considerado por Dayrell (2007) um das marcas da sua condição juvenil, uma vez que o modo de se vestirem faz parte das práticas sociais de um determinado grupo, que no caso do *funk*, é os meninos usando bermuda e boné e as meninas roupas curtas.

Ao final de nossas problematizações acerca dos assuntos que a discussão nos trouxe, pedimos aos jovens que nos dissessem o que acharam da ideia de se formar um grupo para essa discussão, se gostariam que fosse repetido, e se tinham alguma sugestão para o próximo encontro. E para nossa surpresa, nos foi solicitado que convidássemos um oficineiro do programa de artesanato, que é rapper e contra o *funk* dançante. Isso porque, em um dos dias do seminário, ele se posicionou contra o *funk* dançante. A ideia desse convite era para que as ideias e posicionamentos fossem debatidos. O convite foi feito e aceito pelo oficineiro, que compareceu ao grupo e fomentou um debate muito interessante, pois ao se posicionar em relação

ao *funk* trouxe argumentos que envolvia principalmente as mulheres – assunto que esteve presente no primeiro encontro.

É preciso situar sobre algumas problematizações levantadas neste encontro, o oficineiro ao defender a sua opinião começou por contar para os jovens um pouco da história do *funk*, ou seja, como tudo começou. Além disso, se colocou contra o *funk* dançante a todo o momento, dizendo que as letras e a forma como se dança é uma falta de respeito com a sociedade, inclusive a forma como as meninas se expressam na dança e a interpretação que isso traz para a sociedade, na opinião dele. Neste momento o jovem mobilizador do grupo acompanhado de outros jovens, questionou o oficineiro a respeito de algumas letras de rap que fazem apologia a criminalidade, o que faz com ele assuma a existência de algumas, mas as defende ao dizer que não é tanto quanto o *funk* traz.

Ao dizer da mulher, uma jovem rebateu o oficineiro dizendo que "não é só por que eu danço *funk* que eu sou 'piriguete', as pessoas nos taxam assim, mas eu sou uma moça séria, danço *funk* por que eu gosto". Essa colocação foi devido ao fato do oficineiro dizer que as meninas *funk*eiras não se dão o respeito ao se vestirem com roupas curtas, ao mostrar sua sensualidade nas danças, ao dançar algumas coreografias mais sensuais, ou seja, que elas ao fazerem tudo isso, assumem um papel vulgar na sociedade.

Consideramos a importância que foi ter recebido a visita do oficineiro no grupo, pois foi um momento de reflexão tanto para os jovens quanto para o convidado. Isso porque o encontro foi uma porta para a troca de ideias, opiniões e pensamentos de duas visões dife-

rentes, sem contar que proporcionou a ambas as partes pudessem se ouvir e argumentar sem ofender o outro. Vale destacar que em todos os momentos teve um grande respeito por todos.

Elaborações sobre o grupo de encontro e a segunda experiência "estar em grupo"

Lewin (1991) em suas considerações traz que o grupo é como um campo de forças, cuja dinâmica resulta da interação dos componentes, em um campo psicossocial, o autor diz que não se trata de um amontoado de indivíduos, nem muito menos das suas individualidades (AFONSO, 2002). Freud (1921) traz que quando mais atuante o grupo, mais os interesses individuais cedem espaço aos interesses coletivos, e, que a partir da vivência em grupo, é possível experimentarmos emoções que jamais viveríamos individualmente.

Para isso vamos seguir os elementos básicos de um grupo para, a partir de então explicar melhor tal experiência. Segundo Afonso (2010) o primeiro passo para constituição de um grupo é a **demanda**, e em qual contexto social essa demanda surgiu.

Temos no caso do grupo de *funk* do Taquaril algumas demandas, a primeira acontece logo após o primeiro dia do Seminário sobre o *funk*, com a temática "Gênero e Sexualidade" em que dois jovens comparecem ao CPC, e são questionados sobre o que acharam do primeiro dia do seminário, eles disseram que gostaram, mas que não tiveram a coragem ou oportunidade de falar, pois estava bastante cheio. Deste modo, pensamos em realizar um grupo menor em que os jovens se sentissem a vontade para dar suas opiniões a respeito do assunto e serem ouvidos.

O segundo elemento são os **objetivos do grupo**, nesse caso propiciar a fala, de modo que todos possam obter uma experiência do campo grupal, e dessa forma trocar conhecimento. Outro objetivo são os encaminhamentos para cursos, espaço de formação, de conscientização, ou seja, identificar possíveis demandas e também facilitar a circulação dos jovens, além de estabelecer um vínculo maior da equipe com os jovens.

O terceiro é a **identificação grupal**, que está intimamente ligada à concepção de líder, no momento em que os membros do grupo o veem como um ideal, assumindo-o assim como ideal de ego. "Essa vinculação com o líder ou ideal é que permite que os membros do grupo passem a perceber ou adotar uma identidade entre si, uma identidade grupal" (AFONSO, p. 15, 2002).

O quarto é a **organização**, talvez o ponto mais frustrante do nosso grupo, pois em alguns momentos achamos que ele não se deu da forma esperada, porém se pensarmos mais a fundo, talvez seja melhor descrever a desorganização como organização, ou pelo menos que, nada valeu a tentativa de organizar o grupo, pois isso não é imposto, nem mesmo reforçado, isso depende de diversos fatores que se caso o grupo tivesse mais encontros poderíamos descrevê-los melhor.

O quinto é a **dificuldade de comunicação**, especial na fala de alguns jovens tímidos, que só falaram se provocados pelo facilitador do grupo. Essa provocação surtiu efeito, pois o facilitador conseguiu propiciar um momento riquíssimo na discussão com a fala de umas das jovens[6].

---

6 Situação descrita no item: "Juventude e *Funk*: encontros e experiências"

O sexto é a oscilação entre **grupalização** e **individualização**; e o sétimo é **processo**, **início**, **meio** e **fim**; neste caso um fim não previsto que nos gerou uma grande frustração. Isso porque após o encontro em que tivemos a presença de um oficineiro – como descrito anteriormente – foi firmado um terceiro encontro em que foi discutida com os jovens a questão do melhor horário e do dia da semana. Alguns dias antes do terceiro encontro, em visita a oficina de *funk*, o jovem articulador como muito entusiasmo nos deu a noticia de que havia conseguido um emprego, que era uma demanda levantada por ele nos atendimentos feito pela equipe. Chegada à data e hora marcadas, ficamos na expectativa de encontrarmos os jovens e quem sabe finalizar a discussão do *funk* e iniciar uma nova temática. Porém, mais uma vez veio a frustração, pois neste encontro não compareceu nenhum jovem.

Considerações finais

O grupo de jovens nos permitiu trabalhar limites, a partir da concepção que nem tudo é possível e que suas ações pode acarretar consequências para si e outros que o cercam, trabalhar o lado imediatista dos jovens, trabalhando as frustrações e que tudo na vida tem um caminho a percorrer antes de acontecer algo em nossas vidas, sendo fundamental para se contrapor ao imediatismo e a onipotência dos jovens.

Apesar das frustrações, dos atrasos e da organização desorganizada, tivemos uma experiência incrível que não teremos igual nem parecida em nenhum outro grupo de jovens, isso não significa que não terá importância, mas sim que cada grupo com sua especificidade irá nos trazer uma experiência rica a seu modo de construção e

realização. É através do grupo que podemos identificar os costumes e os hábitos que permeiam a vida dos jovens, sendo referência para o exercício da democracia.

É muito importante deixar claro, que mesmo com as frustrações e decepções, não desistimos do grupo. O que se pensa nesse momento, é novas formas de fomentar os jovens para o grupo de jovens, como temáticas variadas de acordo com a sua demanda. Até mesmo pensando o quanto é importante estarmos em seus espaços, mas como é importante também chamar os jovens para o CPC, chamar os jovens para conhecer um espaço a mais que os acolhe, um espaço a mais para que eles possam ser ouvidos.

O grupo por si só deve ser um espaço acolhedor, que estimule a participação de todos e ofereça oportunidade de vivências significativas, espaço que desperte a criatividade dos jovens, em que eles aprendam sobre seus direitos e deveres como sujeito social, fazendo com que os jovens usufruam dos recursos da comunidade onde estão inseridos, mas que também contribua positivamente para construção de uma nova sociedade, encontrando alternativas interessantes para seu cotidiano e sua vida.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Lucia (org.) **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial.** Belo Horizonte, 2002. Edições do campo social.

AFONSO, Lucia. Grupos como são e como se organizam. In **Oficinas em dinâmica de grupo: na área da saúde.** AFONSO, Lucia (org.) 2° ed. São Paulo, 2002. Edições do campo social.

DAYRELL, Juarez T. A escola 'faz' as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

DAYRELL, Juarez Tarcisio. *Juventude, grupos e estilo de identidades.* Belo Horizonte, Educação em Revista, n. 30. Dez/1999.

DAYRELL, Juarez Tarcisio e GOMES, Nilma Lino. *A Juventude no Brasil.* Disponível em http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Além do princípio do prazer: psicologia de grupo e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.96-109 (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

LEITE, Fabiana (Org.) Programas de prevenção primária: O Programa *Fica Vivo! In* Prevenção Social à Criminalidade. **A experiência de Minas Gerais. Ed. (...)**

SEDS, 2009 Programa de controle de Homicídios *Fica Vivo!* Belo Horizonte 2009 disponível em: http://www.institutoelo.org.br/site/files/arquivos/778a19d c0210722bcd 8795478e9e1843.pdf Acessado em: 12 Abril 2012.

ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E CIDADANIA

Flávio Henrique dos Reis Soares – Psicologia, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS

Introdução

O homem, os conceitos e a cultura

Para entender o conceito de Sexualidade, é preciso conhecer o agente, sujeito e criador dessa idéia. O homem é visto como um "animal" superior porque possui cultura simbólica. Entre os povos existem muitas práticas e costumes idiossincráticos que mesmo entre seus semelhantes podem variar, assim não parece possível falar em "natureza humana" como fatos isolados que obedecem à ordens naturais e lógicas tal qual o reino das ciências naturais. Como explica Laraia (2009) "O homem se contrapõe ao determinismo biológico, a espécie humana se diferencia anatomicamente através do dimorfismo sexual, mas é falsa a idéia de que as diferenças de comportamentos existentes entre as pessoas de sexo diferentes sejam determinadas biologicamente". Podemos dizer baseados em Ridley (2004) que é "quando vamos além do instinto que nos sentimos humanos". A variação cultural explica em parte, senão totalmente, a variabilidade dos conceitos e as diferentes soluções que os homens dão de forma criativa à problemas semelhantes, ou ainda se adaptam aos contragostos de sua época, região, entre outros aspectos.

Sem nos aprofundarmos no campo epistemológico, podemos ressaltar aqui alguns "conceitos" Kantianos relativos à, (I) natureza,

como o reino da causalidade ou da necessidade, o que nos remete ao instinto e ao determinismo genético presente nas várias espécies que podemos observar, e também (II) à cultura, (o que diferencia o homem dos demais animais, o que dá a ele uma opção além de qualquer determinismo biológico) o reino da vontade humana, da ação dotada de finalidade e da liberdade, onde se inserem os valores morais e todas as outras construções humanas, tudo que pertence ao "trabalho" do homem e outros. O que nos parece um precursor da noção Freudiana e seu discurso pulsional que se apóia inicialmente sobre o instinto (Garcia Roza 2009). A natureza pode ser vista através de leis gerais, já o homem com padrões adquiridos de comportamento torna-se agente e produto do reino "social" ao qual habita fato que pode ser constatado nas influências múltiplas ambiente/indivíduo. Segundo Laraia (2009), a cultura mais do que herança genética, determina o comportamento do homem e justifica suas ações. Nesse contexto, "a *sexualidade e suas vicissitudes* também perderam a naturalidade do determinismo biológico e se tornaram fenômenos sociais, biológicos e históricos" (Makaaroun, 2004).

O homem bio-psico-social tal como o conhecemos, internaliza padrões do meio em que foi socializado e tende a encará-los como naturais. Ao parafrasear Laraia (2004) afirmamos que todos os homens nascem com a capacidade de conhecer e talvez essa seja a única "natureza humana". Segundo José Ortegas e Gasset, filósofo célebre, "O ser humano não tem Natureza, mas História", concluindo-se diante dessas afirmações que o mesmo objeto pode ter inúmeros correspondentes no campo simbólico.

A capacidade de conhecer gera inúmeros conhecimentos que são particulares e de senso comum, levando o homem a aprender em seu contato com a realidade. Segundo Lakatos e Marconi (2009), podemos dividir estes saberes em teológicos, empíricos, filosóficos e os de cunho científico, todos com suas idiossincrasias e pecularidades. Hoje em nosso mundo pós-moderno os conhecimentos formais denominam-se saberes, e estes, estritamente científicos obedecem à época, às classes que o dominam, aos interesses políticos, entre outros. Esta é uma amostra das vicissitudes que interferem nas criações de um conceito, onde até agora ressaltamos o homem como ser biológico (determinado) com capacidade para conhecer o mundo (respectivamente transformá-lo); o homem inserido na cultura e com modelos de conhecimento adquiridos como bem social; e finalmente o homem acrescido dos vários conhecimentos produzidos em um contexto específico. Isso nos leva aos pressupostos tão conhecidos pelos cientistas positivistas do século XIX, onde Conhecer, Prever e Controlar refere-se ao agir do homem sobre o seu ambiente contrapondo, em parte, o determinismo. Essa "balança" é bem mais complexa, mas não ressaltaremos aqui seus detalhes, pois apenas queremos expor que "sexualidade" tal qual como a concebemos, é mais uma das maneiras de representar um fenômeno mais complexo do que imaginamos ser.

Tornar-se-á necessário essa elucidação, para assim discutir os vários conceitos e fatores que muitas vezes nos parecem abstrações quase inatas, tais quais o comportamento e o desejo sexual. Toda

atividade humana é significativa, tudo tem valor simbólico ou é atribuído-lhe este valor onde conceitos são símbolos verbais. Para Rosseu (apud Chauí):

> Desde que o homem foi reconhecido por outro como um ser pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar por isso.

Os conceitos são arbitrários, diferenças culturais levam a uma visão variada sobre um mesmo fenômeno e tornam obscura sua interpretação. Adotemos aqui a definição de Conceito que mais se assemelha ao sentido que queremos evidenciar:

> Segundo uma tradição que atravessa o estoicismo grego, o nominalismo medieval e o empirismo moderno, um signo ou representação lingüística que mantém uma relação significacional - não ontológica - com os objetos do conhecimento. (Cf. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa)

Consideremos assim que os conceitos criados ou cientificamente ou por outra forma de conhecimento têm uma função simbólica. Para Cassier (apud GARCIA-ROZA, 2009) "a função simbólica é aquela através da qual o indivíduo constitui seus modos de objetivação, sua percepção e seu discurso." Concluímos, portanto, a necessidade de apresentar várias visões sobre o conceito de sexualidade e seus constituintes para a tentativa de uma síntese entre eles.

Adolescência e Sexualidade

Algumas considerações sobre o conceito de sexualidade

Na literatura pesquisada podemos verificar as várias faces de um mesmo conceito, trazemos então alguns exemplos que podem nos ajudar a clarear esse "saber", às vezes, tão obscurecido pelo discurso. É certo que a sexualidade está presente desde os primórdios da vida (cf. FREUD, 1905/1980). No que cerne à proibição relacionada ao sexo e seus paradigmas tão presentes na sociedade ocidental, Foucault (1985) explica que no século XVIII surgiu a "necessidade de se regular o sexo por meio de um discurso publico e útil e não pelo rigor de uma proibição", e é o que de certa forma parece "nortear" alguns de nossos conceitos.

Partimos do que nos pareceu ser o conceito mais biológico, representando um discurso médico-científico, essa definição é encontrada nos descritores de saúde (Decs) da base de dados BIREME e dispõe sobre o seguinte:

> Funções sexuais, atividades, atitudes e orientações de um indivíduo. A sexualidade, masculina ou feminina, se torna evidente na PUBERDADE sob as influências dos esteróides gonadais (TESTOSTERONA ou ESTRADIOL) e dos efeitos sociais.

Elucida-se que neste conceito nos falta à definição de quem é sujeito dessa sexualidade. Podemos tomar como principal a evidência da puberdade, que em termos estritos despertaria o indivíduo a agir em relação a seu corpo e ao corpo do outro. No que tange a orientação sexual teríamos que buscar na psicanálise algumas das

definições necessárias para se determinar (e mais ainda para entender), ou pelo menos esclarecer o conceito de orientação e os demais que compõem o campo da sexualidade. Para isso Freud (1905), toma emprestado um conceito já presente no meio médico, que é o de libido como energia psíquica e pulsão, que impele o sujeito a uma "ação" sexual em relação ao outro (objeto), isso nos afasta, em parte, da restrição imposta pelos fatores biológicos. Não entremos, todavia em detalhes sobre sua teoria, porém aproveitemos os conceitos que aqui nos tornam necessários para fazer esse elo entre algumas definições utilizando a psicanálise, onde:

> Sexualidade não designa apenas as atividades e prazer que dependem do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes em desde infância que proporcionam um prazer irredutível a satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental(respiração, fome, função de excreção, etc.) e que se encontram a título de componente na chamada forma normal do amor sexual. (LAGACHE,2010)

Esta parece ser uma definição que nos dá margem a pensar, pela primeira vez numa sexualidade que vai além do genital, de encontro a várias esferas da vida como prazeres pessoais independente de um objeto que seja definido por fatores biológicos. Ao afirmar que a sexualidade está presente desde a infância, Freud cria de certo modo, uma visão histórica e constitutiva da sexualidade, que não passa a estar presente somente na puberdade, mas sim a partir desse momento, evidenciada no que a sociedade chama de comportamento sexual.

O dicionário da American Psychological Association (APA,2010) define que sexualidade é:

> 1. a capacidade de retirar prazer de todas as formas de atividade e comportamento sexual, particularmente do intercurso sexual. 2. todos os aspectos do comportamento sexual, incluindo identidade de gênero, orientação, atitudes e atividade. 3. em teoria psicanalítica, o "prazer orgânico" derivado de todas as ZONAS ERÓGENAS e processos do corpo, incluindo a boca, ânus, uretra, seios, pele, músculos e órgãos genitais, bem como de funções como sugar, morder, comer, defecar, urinar, masturbação e intercurso.

Neste contexto amplo da sexualidade, chegamos ao que nos parece ser a definição mais completa, que levará em conta todos esses fatores dizendo que:

> A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser sensual e ao mesmo tempo sexual, ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações com os outros , por isso, influencia também a nossa saúde física e mental." (OMS apud BRASIL, 2010)

A Organização Mundial de Saúde (OMS), quando cita que "a sexualidade é uma energia que nos motiva..." retoma de certo modo o conceito psicanalítico de pulsão como algo além do instinto, que nos impulsiona a um objetivo, ou seja, a satisfação que será encontrada em algum lugar exterior a nós mesmos, o objeto.

Ao encontro desta definição, utilizaremos o conceito que consideramos ser mais abrangente e que leva em consideração fatores sócio-históricos. Este conceito, o qual utilizaremos daqui pra frente para definir sexualidade foi retirado do WORKING DEFINITIONS DA UNESCO EM PARCERIA COM A WHO (World health organization), DE 2002:

> A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e abrange sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A Sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

Com isso tentemos articular sexualidade e adolescência para além do discurso normativo.

Adolescência, sexualidade e psicologia

Inicialmente o psicólogo deve apresentar-se não como um portador do saber, da verdade irredutível sobre o sujeito, mas como um articulador do real, um ator social que atua com "o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano" (CRP, 1992.) O que nos coloca num paradigma, pois, muitas vezes obedecer aos protocolos significa reforçar uma lógica de controle do outro.

Em 1990, o Brasil reconhece com o Estatuto da Criança e do Adolescente, que estes são sujeitos portadores de direitos tutelados pelo Estado. Com isso há o aumento de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes. Isso justifica a criação de políticas específicas para o adolescente, porém pesquisas sobre sexualidade vêm sendo estimuladas desde o surgimento do HIV em 1981, em Los Angeles e Nova York, Estados Unidos. Diante desta pandemia era preciso conhecer as "variáveis" sexuais como meio de controle do surto como indica Mott (s/d).

As políticas voltadas para a educação sexual de adolescentes não são novidades como indica Foucault (1985), já no sec. XVIII há a criação de uma "escola experimental cuja característica principal consistia num controle e numa educação sexual tão bem pensada, que nela o pecado original na juventude nunca deveria ser praticado". Diante deste exemplo situamos uma preocupação com a sexualidade do adolescente bem antes de nossas políticas publicas, ainda centrada no modelo médico normativo sobre o que e quando fazer.

Segundo Toneli (2004) hoje os estudos relacionados à adolescência parecem adultocêntricos onde o estado, a igreja e a ciência tentam tomar para si a tutela do desejo do adolescente, de suas necessidades e características.

A Psicologia não se coloca como neutra nesse assunto, também normatizando e definindo os conceitos do que deva ser a adolescência e o desenvolvimento do sujeito, muitas vezes legitimando a concepção de adolescência como fase "problemática" onde o adolescente por questões de formação e transformação não estaria apto a julgar por si mesmo.

Surge então a pergunta incitada por TONELLI (2004) e reforçadas por Ventura (2006), enquanto a primeira coloca a questão dos adolescentes serem sujeitos de direitos e o estado ou outras instituições tomarem para si a tutela dos mesmos, a segunda tenta articular os paradigmas entre a constituição do direito e da saúde do adolescente com as práticas sociais. Entretanto, ambas ligadas a Foucault, quando dizem a respeito à economia do sexo pelo estado a fim de controlar as práticas sexuais de cada um.

Então o adolescente, como sujeito de direitos, deve participar ativamente das decisões sobre sua sexualidade e a psicologia como ciência da subjetividade deve estar ao lado dele nessa construção. O conflito adolescente pode ser visto como nossa criação, não entrando em uma discussão teórica, pois ao mesmo tempo em que entregamos as responsabilidades a ele, restringimos sua ação no que diz respeito a si mesmo e a suas escolhas. O indivíduo é um sujeito sempre em relação a algo e para algo, nunca estando totalmente isento das influências políticas e sociais da sociedade em que se insere.

Considerações

Ao longo dos anos vem crescendo as pesquisas relacionadas à sexualidade e a representação sexual do adolescente, e este fenômeno abre espaço para discussões à respeito da participação desse sujeito nestas pesquisas. Contudo vale a pena refletir o lugar dos pesquisadores e agentes sociais na construção do conceito Adolescente para o imaginário social, pois muitas vezes os paradigmas científicos tomam proporções "desajeitadas" no senso

comum. Precisamos esclarecer a partir da visão do próprio sujeito sobre si o papel constituinte da sua sexualidade, expressa mais vigorosamente na adolescência. Para que isto seja possível é necessário formação de um adolescente-cidadão, capaz de construir a própria verdade sobre si. Para isso a academia deve reconhecer o adolescente como sujeito de direitos. A psicologia, principalmente, deve adotar para sí a tarefa de ir além dos estigmas e procurar a verdade de cada um em um âmbito social e individual, o que se apresenta no presente momento como um desafio, mas capaz de ser superado pela escuta psicológica .

REFERÊNCIAS:

RIDLEY, Mark. **O que nos faz humanos**. ed. . São Paulo : Record. R.Janeiro. 2004

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** 13. ed. São Paulo: Ática, 2008. 424 p

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente.** 9. Ed São Paulo: Zahar, 2009

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 117

MAAKAROUN,Marília. Sexualidade e Relações de Gênero. 2004 disponível em: http://www.saudedejovens.com.br/?p=12 acessado em 25/10/2011 13:54

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 315

FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.7)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985 reimp.2010. 246 p

LAGACHE, Daniel. **Vocabulário de psicanálise:** Laplanche e Pontalis. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. xxii, 552 p

VANDENBOS, Gary R.. (Org.) AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Dicionário de psicologia:** American Psychological Association - APA. Porto Alegre: ArtMed, 2010. xiii, 1040 p

BRASIL, BOLETIM INFORMATIVO DST/AIDS. Diretoria de epidemiologia e vigilância Sanitária; Diretoria executiva de epidemiologia, programa estadual DST/Aids. Secretaria de Saúde – PE. Jan/Abr. 2000. Ano II, n 1.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, **Defining Sexual Health:** report of a technical consultation on sexual health. Geneva, 2002

CFP, **Atribuições Profissionais do Psicólogo Brasileiro,** 1992 disponível em <http://pol.org.br/legislacao/pdf/atr_prof_psicologo.pdf> acessado em 25/10/2011 14:44

CURY, Munir (coord.). *Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado***.** 6 ed. São Paulo: Malheiros, 2003.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. Psicol. Soc., Porto Ale-

gre, v. 16, n. 1, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Oct. 2011. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822004000100013.

VENTURA, Miriam; CORREA, Sonia. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, July 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700014&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Oct. 2011. http://dx.doi.org/10.1590/S0102--311X2006000700014.

SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SUBLIMAÇÃO EM OFICINAS UMA LEITURA DAS ATIVIDADES REALIZADAS POR JOVENS EM UMA OFICINA DE FUNK A PARTIR DA PSICANÁLISE[1]

Alexandre Dutra Gomes da Cruz[2]

Giovanni Alberto da Silva[3]

Lenice Alves de Oliveira[4]

Robson Gonçalves Batista[5]

Descritores: sublimação, oficinas, psicanálise e criminalidade.

A relação sublimação e prevenção à criminalidade.

Investigar a possibilidade de sublimação em oficinas pode não ser uma tarefa fácil. Teremos que a diferenciar de identificação, e de outros processos vivenciados ali pelos jovens, e levar em consideração a elaboração individual de cada um. Essa pesquisa propõe saber se na oficina o jovem encontra seu objeto e através do investimento nesse ele sublima suas energias pulsionais possíveis de serem investidas em ações transgressoras.

Teremos que entender o que significa um objeto socialmente valorizado, e em qual nível, micro, macro, podemos considerar essa

1. Projeto de pesquisa fomentada pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e andamento.
2. Orientador e professor;
3. Autor e graduando de psicologia;
4. Co-autora e graduanda de psicologia;
5. Co-autor e graduando psicologia.

valorização, tendo em vista que a dança funk traz por si só demasiada polêmicas. Qual valor o jovem espera? De qual Outro isso será importante e terá valor? Seria do Oficineiro, ou dos jovens que o vê dançando? Seria daquela comunidade que vive?

Saber se o objeto "dança funk" é socialmente valorizado ou não, só ao final da pesquisa. Além disso, a dança funk ser o objeto encontrado na oficina pelo jovem é uma hipótese, tendo em vista que poderemos encontrar objetos nem pensados que ele encontra nessa oficina.

Não estamos perdendo de vista o local onde se realizará a pesquisa, e o objetivo deste, o programa de redução à criminalidade – Fica Vivo, que se divide em intervenção estratégica, que tem como objetivo articular e promover integração dos órgãos do Sistema de Defesa Social e Justiça Criminal além de capacitar os representantes desses sistemas, (SEDS 2009) e a proteção social que é baseada na formação de redes comunitárias que garantam soluções para prevenção à criminalidade a partir da participação dos jovens, rede essa que dá suporte a implantação de oficinas, principal porta de entrada dos jovens no programa. (LEITE 2009).

O próprio nome já diz do programa, e de sua razão, que é prevenção da criminalidade. Segundo COTTET (2010), em suas reformulações sobre a criminalidade Lacan subscreve à efetividade de uma instância superegóica, que empurra ao crime e à transgressão. Ele refuta assim todo inconsciente criminoso. É a identificação da criança ao adulto criminoso que dá conta de um Ideal do eu viciado em relação à norma paterna. Com isso o autor traz que Lacan em suas reformulações de 1938, fala que para o sujeito dar conta das frustrações pulsionais detidas num circuito de sua situação edipiana, onde

o sintoma de roubo na criança atesta essa articulação do simbolismo pulsional (COTTET 2010) o que se torna de alguma forma o contexto familiar fundamental na vida do sujeito.

Pensando na situação social dos jovens atendidos pelas oficinas em questão, poderíamos indagar sobre a situação familiar desses jovens, de modo a entender dessa relação com as transgressões cometidas. Em entrevista, Cottet fala que, para Freud, a possibilidade do criminoso está presente em cada um de nós, e que é necessário, por conseguinte, a normatividade edipiana, que canalize ou que apague o criminoso em nós. Essa canalização poderia se dar de diversas formas, através do processo de recalque, ou mesmo no caso da sublimação, objeto de nossa pesquisa. (ALMEIDA 2008).

O processo de sublimação

Segundo FREUD (1936) existem técnicas que o sujeito utiliza para afastar o sofrimento do deslocamento de libido do aparelho mental e dar flexibilidade a ela. Seria tarefa dessas técnicas reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso o sujeito conta com a assistência da identificação e da sublimação. FREUD (1936) diz que quando se obtém o máximo nessa tarefa, o sujeito consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual, e que quando isso acontece o "destino pouco pode fazer contra nós". Quando o sujeito "sublima" ele dá corpo a suas fantasias, sente alegria ao criar, ao solucionar problemas, e FREUD (1936) diz que esse investimento possui uma qualidade especial.

Para FREUD (1905) a energia das forças pulsionais sexuais não cessam nem mesmo no período de latência, e que em sua totalidade ou parcialmente, podem ser desviadas do uso sexual, das metas sexuais, para outro fim. A esse processo Freud dá o nome de sublimação. No dicionário de psicanálise de ROUDINESCO (1998), a autora diz que Freud conceituou o termo em 1905, para dar conta de um tipo particular de atividade humana sem relação aparente com a sexualidade. Nesse caso, por exemplo, o termo seria usado para literatura, estudos e obras de arte. Isso nos leva a indagar sobre as relações da dança com o processo sublimatório. FREUD afirma também que também que o processo de sublimação transforma um objeto comum em um objeto socialmente valorizado. (ROUDINESCO, 1998).

Sublimação em oficinas

As oficinas são espaços onde o sujeito, através de uma determinada atividade, pode ter contato com um grupo que lhe propiciará vantagens e desvantagens. Quando o sujeito está em grupo, de algum modo, ele terá formas de satisfação do seu ego, e poderá em grupo realizar práticas que não faria sozinho (FREUD 1921). Isso pode se reverter em transgressão, ou seja, o sujeito pode canalizar sua pulsão em práticas ilícitas ou agressivas, ou pode, através da atividade que a oficina propõe converter sua energia pulsional em práticas lícitas. No entanto, pensamos que, em última instância, tais práticas são legitimadas de acordo com as normas sociais, ou seja, essas constituem um critério moral para determinar se essas práticas transgridem ou não essas normas.

Nossa hipótese é queo sujeito possa sublimar sua energia pulsional voltada para ações agressivas, ou violentas, para a dança, que nesse caso, é a prática exercida na oficina, objeto de nossa investigação, o que pode significar um processo de sublimação. Caso possamos correlacionar a participação do jovem na oficina com um possível processo sublimatório, poderemos verificar a efetividade da oficina como forma de transformação social desse sujeito, e que se esse processo possibilita realmente uma ressignificação, ou seja, evitaria ações transgressoras.

Entender se a oficina é um espaço onde o jovem possa de fato ter condições de elaborar e de problematizar as questões sociais é um dos objetivos desse projeto. Para AFONSO (2002) a mudança cultural só é possível se partir da base da sociedade, e ela enfatiza a importância dos pequenos grupos sociais, onde a ação dos indivíduos, no caso dos jovens, só pode ser compreendida dentro do campo e da percepção social o que justificaria, por exemplo, a função de uma oficina.

Nossa delimitação é a oficina de funk, tanto de dança quanto de composição. Nosso desafio é correlacionar à dança e a composição com o a redução de homicídios, e o que dançar representa para esse jovem. Ao pensarmos a ligação entre criminalidade e condições sociais, BARROS (2011) fala que a pobreza material, desemprego, precariedade de condições de vida e saúde, colocam sujeitos em situação de vulnerabilidade quase sem saída. Podemos identificar em alguns projetos sociais possibilidades de ressignificação para esse jovem, e a oficina em especial pode ser uma delas.

Pretende-se então investigar através das entrevistas com esses jovens, o que significa para eles estar nesse grupo, e com isso investigarse de fato, se trata de sublimação. E verificar ainda, se ele de fato ali consegue, pensando no objetivo dessa política pública, se afastar das práticas criminosas e que sãorisco à sua vida, a sua liberdade, ao seu presente e futuro.

Objetivos da pesquisa

Observar a estrutura e dinâmica da oficina.

Identificar se a prática realizada na oficina diz de um processo sublimatório referente à tensão pulsional sobre as ações transgressoras, e sobre a agressividade do sujeito.

Correlacionar a atividade da oficina com a redução de homicídios, e o que tais atividades representam para o sujeito.

Propiciar nos encontros um diálogo com maior fluxo de informação possível. Identificar qual papel a oficina, a dança e a música têm na vida desses jovens.

Identificar se além de uma função social, a oficina tem uma função clínica.

4.3 -– Oficinas

Podemos entender o termo "oficinas" como um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social, que envolve os indivíduos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. (AFONSO, 2002).

AFONSO (2002) diz que Freud atribui o desenvolvimento de um sentimento de grupoàs primeiras experiências em família e sustenta que existem dois mecanismos psicológicos básicos para formação e integração do sujeito em um grupo: a identificação e a sublimação.

Sobre a identificação, FREUD (1921) a resumede três formas, a primeira trata-se da forma original de laço emocional com objeto, no caso específico desse projeto podemos supor a dança, a segunda forma é de maneira regressiva, usando da identificação como modo de substituir outra vinculação de objeto libidinal, ou seja, o sujeito encontra na oficina um modo substitutivo ao que lhe falta, introjetando esse algo no ego, e a terceira qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual, onde o sujeito percebe que não está sozinho nessa busca. Temos hoje diversas formas de oficinas, e pretendemos no caso das oficinas de funk, confirmar e identificar que papel ela tem, se além de uma função social ela temuma função clinica.

4.4 – A função clínica e social das Oficinas

As atividades propostas pelas oficinas devem estar pautadas a partir da demanda do sujeito, e não somente limitada no campo da clínica como strictu sensu, menos ainda para ocupação do tempo, mas numa perspectiva ampliada, que une política e clínica, fundamentando assim a prática das oficinas.

Um trabalho com oficineiros realizado por GUERRA (2004) apresenta algumas modalidades discursivas que sustentam seu ideário

e sua prática no campo da saúde mental. Foram observadas quatro lógicas de atuação que as oficinas obedecem de acordo com a concepção de loucura e de uso da atividade e do trabalho, separadas aqui por critério de pontuação teórica; o discurso do déficit, que é descrito como sujeito infantilizado, limitado que é atendido numa oficina como forma de entretenimento. O discurso do inconsciente em que a loucura é representada pela psicose e a oficina como espaço de possibilidade de subjetivar ou simbolizar sua história de vida. O discurso da cidadania onde a exclusão sócio-política da loucura, a oficina atua no processo de iniciar o desenvolvimento político e a conquista ou reconquista da cidadania através da aquisição de habilidades, mas principalmente da humanização da loucura e do resgate do respeito à convivência com a diferença.

É ainda considerada no discurso dos oficineiros, a estética como a quarta modalidade que contempla a idéia de que a loucura é uma manifestação singular de expressão, permitindo a inscrição singular da loucura na cultura, principalmente através da arte. (GERRA, 2004).

É importante pontuar que as oficinas não obedecem a um mesmo modus ooperandi, ou uma mesma finalidade, e o que caracteriza a oficina é a perspectiva ética, demonstrada pela questão do objeto que a sustenta, ou seja, provocar alternativas para o sujeito a quem destina sua intervenção, na busca de entrelaçar o sujeito em suas dimensões psíquicas e políticas (GERRA, 2004).

O efeito clínico na oficina ocorre no momento em que o sujeito é enlaçado em sua singularidade com o universal da linguagem, da cultura, o que não ocorre com todos atendidos. Fica claro neste

ponto o limite da oficina; portanto a única regra a ser seguida nesta atuação seria dimensão ética, reguladora de sua operação.

O grande risco da prática da oficina é o de se tornar uma exigência estética ou de produtividade, imperando sobre os arranjos que o participante deveria articular diante da atividade e do produto com a cultura. Diversas temáticas direcionaram as atividades das oficinas no objetivo de conhecer a linguagem dos participantes e compreender este universo, possibilitando uma maior precisão na atuação do profissional que se propõe a atuar dentro deste.

O suposto objeto que o jovem usa sublimando a energia pulsional: A dança e musica funk

Lançado por James Brown , em 1967, o funk chega ao Brasil como forma de valorização da cultura negra, na década de 80. No Rio os primeiros bailes funk aconteceram nas quadras de escolas de samba, propiciado por negros engajados politicamente como Antônio Pompeu e Zezé Mota que trazia o som norte americano, oritmo contagiante terminou sendo incorporado e recriado por cantores e compositores negros brasileiros como Genival Cassiano, Toni Tornado e o inesquecível Tim Maia. (ALBUQUERQUE et al, 2006)

Esse chamado hoje de funk consciente, aquele que segundo Amaral (2001) trata-se da arte musical de vanguarda (referindo-se à música dodecafônica e atonal), é utilizada para pensar a propósito de um uma expressão musical de uma narrativa direta, constituindo verdadeiros atos de linguagem, que entra de certo modo com a consciência excluída de nossa sociedade.

É o funk que traz questionamentos sobre a as questões sociais, como visto nessa letra:

O funk não é motivo, é uma necessidade
É pra calar os gemidos que existem nessa cidade
Todo mundo devia nessa historia se ligar
Porque tem muito amigo que vem pro baile dança
esquecer os atritos, deixar a briga pra lá
E entender o sentido quando o DJ detonar

O autor da letra trás uma realidade, e o funk como meio de pronunciar o que acontece na periferia. Assim na historia do funk, encontraremos muitas dessas letras.

Mas como o funk se modifica durante esses quase 30 anos no Brasil? ARRUDA (2010) em seu trabalho traça um histórico de como o funk foi se tornando marginalizado pela mídia, quando associado a atos de violência, como arrastões no Rio de Janeiro, e tendo o funk não só surgido, mas também sendo principal produto das vilas e favelas, o autor diz que de forma geral tratava-sedo negro e pobre, que era associado natural e indissoluvelmente à pobreza e à criminalidade (COIMBRA, 2003). Ou seja, os crimes cometidos, são de alguma forma, fator perturbador da classe média e alta, e ainda seguindo o que Arruda traz em seu artigo, não se trata de criminalizar o funk, ou o funkeiro, mas sim o jovem pobre, negro e favelado. (ARRUDA 2010)

Temos então o funk consciente, que traz questões da comunidade e do sujeito, o funk sensual que vem com letras muitas das vezes machistas e grotescas, e o funk "proibidão", ou o que exalta a criminalidade. No caso da oficina dessa pesquisa, teremos o funk consciente e o dançante. E o jovem diante tudo isso? Quais são suas reflexões sobre todo esse contexto?

AMARAL (2001) fala que o funk recorre a uma imagem "escrachada" da sexualidade, pondo a nu o que há de mais depreciativo sobre a mulher, como uma forma, justamente, de pôr em questão o machismo brasileiro; e o faz com o humor que lhe é característico, aliado à tonalidade agressiva e sensual de suas danças.

Mas e se, ao invés de pensarmos com um viés da moral, ou com que se chama hoje de "politicamente correto", pensarmos nessas letras como livre expressão. Hipótese de que seja algo latente e referente à sexualidade de quem compõe e dança.

NETO (2007) cita a afirmação de Freud que "o lirismo serve, antes de qualquer coisa, para o desencadeamento de sensações múltiplas e intensas, como acontece com a dança" (FREUD, 1906-7) com isso NETO (2007) fala que Freud reconhece na dança seu valor orgástico e sua vocação catártica, as quais teriam sido abandonadas na medida em que a dança perde, com o advento do Cristianismo, suas origens gregas ligadas ao culto a Dionísio, reduzindo suas forças agressivas e indomadas, buscando uma maior aceitação social.

Seria o funk, então o oposto, pois em certas letras há a preocupação de uma aceitação social. E mesmo com o bombardeio feito pela mídia, pela sociedade, esse ritmo permanece, e extrapola as fronteiras entre as classes sociais, chegando ao asfalto.

Considerações finais

A redução de homicídios entre os jovens por si só justifica um projeto ou uma política pública. Identificar esse processo de sublimação, dentro da oficina nos oferece ferramentas para intensi-

ficar formas de evitar que esse jovem seja mais um número entre tantos presos, ou vítimas de homicídios por envolvimento com a criminalidade.

Isso diria o porquê para sublimar essa energia pulsional, o jovem escolhe determinada atividade, (ou determinada oficina) e qual a eficiência da oficina nisso, e como a dança e composição relaciona-se com o processo sublimatório. Ou até mesmo se poderemos identificar outros processos. Podemos assim, com a prática de pesquisa trocar varias informações significativas, e sugerir intervenções mais adequadas com a realidade vivenciada pelos jovens que a pesquisa pretende abordar.

Referencias bibliográficas

AFONSO, Lucia (org.) **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial.** Belo Horizonte, 2002. Edições do campo social, paginas 11, 59

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, e FILHO, Walter Fraga, (2006) **O movimento negro no Brasil contemporâneo** *in* Uma história do negro no Brasil, Bahia: Ed. Universidade Federal da Bahia e da Fundação Cultural Palmares.

ALMEIDA, Patrick. **Criminalidade e psicanálise: entrevista com Serge Cottet. Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 31,out. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 dez. 2011.

AMARAL, Mônica do ***Rap, hip-hop and funk: the "eroptica" of youth art invades public schools scenario in Brazil's metropolis.*** São Paulo, 2011, vol.22, acessado em 9 de Novembro. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642011000300009&script=sci_arttext

ARRUDA, Ângela e JAMUR, Marilena, e MELICIO, Thiago eBARROSO, Felipe. **De pivete a funqueiro: genealogia de uma alteridade.** São Paulo,2010 Cad. Pesqui. [online]., vol.40, n.140, pp. 407-425. Acessado em 12 Novembro 2011, disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a0640140.pdf

BARROS, Vanessa de Andrade, **Impactos Psicossociais do encarceramento e reinserção pelo trabalho**, Belo Horizonte, PROEX, extensão da UFMG , 2011

COTTET, Serge. **"Criminologia Lacaniana"**, Entrevários: Revista de psicanálise, São Paulo, Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade, p. 85-104, n. 5, abr. 2010.

FREUD, Sigmund. (1921) **Psicologia de grupo e análise do ego.** *In: Além do princípio do prazer: psicologia de grupo e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.96- 109. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18)

FREUD, Sigmund(1974). **O mal-estar na civilização.** *In* S. Freud, Edição standard brasileiradas obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp.81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

FREUD, Sigmund. (1905) **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standard Brasileira, Obras Completas, vol. VII pp. 117-231.

GUERRA, Andréa Máris Campos, **Oficinas em Saúde Mental: percurso de uma história, Fundamentos de uma prática** *in* MOURA Clarice Costa. &FIGUEIREDO, Andrea Cristina (Org.) **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania.** Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2004. 2°ed. Pag. 23-58

LEITE, Fabiana (Org.) Programas de prevenção primária: O Programa *Fica Vivo! In* **Prevenção Social à Criminalidade. A experiência de Minas Gerais.** Belo Horizonte 2009, disponível em: http://www.mp.mt.gov.br/storage/webdisco/2011/03/30/ outros/c9d923b-4b6e7297a4c93d3f44c15a9b4.pdf. Acessado em: 12 de Abril 2012

MILLER, Jacques-Alain et al. **La pareja e el amor: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona.** Buenos Aires: Paidós, 2005. p.15-20

MIRANDA, Margarete P.; VASCONCELOS, Renata N.; SANTIAGO, Ana Lydia B. **Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. Psicanálise, educação e transmissão,** São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100060&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 14 novembro. 2011.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Acessado em 02 dezembro2011. Dis-

ponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html

NETO, Fernando Martins e CASTRO, Edson Olivaride, **Pas de deux: do corpo exilado ao corpo que dança,** São Paulo, apresentado no II Colóquio de Psicologia da Arte: a correspondência das artes e a unidade dos sentidos - LAPA - IP/USP, junho 2007

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON,Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVEIRA, Andréa Maria; ASSUNCAO, Renato Martins; SILVA, Bráulio Alves Figueiredo da and BEATO FILHO, Cláudio Chaves. **Impacto do Programa Fica Vivo na redução dos homicídios em comunidade de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 2010. Rev. Saúde Pública [online]. Acessado em 18 Novembro 2011, disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n3/13.pdf.

SEDS, 2009 Programa de controle de Homicídios *Fica Vivo!* Belo Horizonte 2009 disponível em: http://www.institutoelo.org.br/site/files/arquivos/77 8a19dc02107 22bcd8795478e9e1843. pdf Acessado em: 12 Abril 2012

FACILITANDO O ENCONTRO E AS NOVAS POSSIBILIDADES

Marcella Aparecida de Oliveira[1]

O que será que será
Que todos os avisos não vão evitar
Por que todos os risos vão desafiar
Por que todos os hinos irão consagrar
E todos os meninos vão desembestar
E todos os destinos irão se encontrar.
Chico Buarque

A implicação dos adolescentes com a criminalidade causa estranhamento e em algumas vezes o que se vê é a estigma, o medo da sociedade. E diante desta saída nada razoável, muitas são as tentativas de minimizar este impacto do laço com o fora da lei. Dentre as diversas iniciativas de romper com a lógica de exclusão e privação, encontramos a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em 1990, inicia e legitima uma série de medidas, que visa à garantia dos direitos desses sujeitos em questão. De acordo com ECA (1990, Art 3),

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

---

1. Aluna de do curso de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, estagiária do Programa *Fica Vivo!* Centro de Prevenção à Criminalidade Ribeiro de Abreu.

Porém o que se vê hoje, em vários casos, são ações que desconsideram o adolescente, em sua singularidade. Muitos são as ofertas para este jovem, mas o enlaçamento social se torna frágil; intervenções que desconsideram o território e os modos singulares de cada sujeito enlaçar-se com a cidade. Diante deste embaraço foi necessário constituir uma política de intervenção neste abismo que separava as invenções do sujeito e os recursos do Estado. Em Minas Gerais está intervenção tem convocado os jovens a saídas inéditas, convocados a *Ficar Vivos!*

O Programa de Prevenção à Criminalidade, *Fica Vivo!*, através de ações estratégicas e intervenções junto a comunidade a partir das oficinas, tem facilitado o acesso de jovens envolvidos com a violência outros modos de circular pela comunidade. Oferecendo um espaço no qual eles possam falar de suas questões, do que não está "legal" e embaraça ou do que está "de boa2" e enlaça. Hoje os adolescentes tomados muitas vezes por relações familiares fragilizadas, inseridos em contextos de violência, e de pobreza extrema, se envolvem na criminalidade. Em alguns casos estes adolescentes através do ato, buscam dizer sobre si, o que muitas vezes não é dito através da linguagem, é dito pelo ato.

À luz da psicanálise podemos compreender o ato como um modo do sujeito endereçar-se ao Outro. Barros (2008) diz que "O ato do sujeito adolescente ou não é sempre único e diz de sua causalidade frente aos laços e desenlaces." O ato assim pode ser compreendido como uma forma de ser e de dizer não, de convocação de um Outro

2. Gíria utilizada pelos adolescentes.

da lei. A importância do *Fica Vivo!* como um Programa de Prevenção da Criminalidade para estes jovens está justamente em ser um espaço que possibilite a fala e o laço com a vida, e para aqueles que já estão envolvidos sendo um outro recurso ofertado, podendo realizar a re-significação do laço social.

Pensando na discussão realizada em uma das reuniões mensais de estagiários sobre como acontece o "Encontro com os jovens". A partir das conversas com os colegas muitas coisas apareceram desse encontro, mas um ponto em comum a todos foi como chegar até ao jovem e como fazer *com que este encontro* seja de fato um *encontro* e não somente um passar. O encontro com os jovens podem ocorrer das diversas formas, em um bom dia na rua, no ponto de ônibus, no caminho para visitar uma oficina, e a qualidade deste encontro também varia, e essa variação acontece de acordo com as nossas expectativas subjetivas. O que se percebe com as práticas com os jovens, é que precisamos sempre estar disponíveis a este encontro, a escutá-los, e como isso criar um espaço para a construção de um laço, de uma referência. O que é visto também nos atendimentos com os adolescentes em conflito com a lei, na medida em que oferecemos um espaço para a fala, eles começam a criar um laço com quem o escuta, e isso possibilita a construção de novas perspectivas, e acima de tudo de responsabilização pelo ato cometido.

Assim é necessário que o adolescente em conflito com a lei consinta com a medida aplicada, se responsabilizando pelo ato. É preciso que a instituição que for receber este jovem possa escutá-lo, compreendendo-o de forma singular, inserindo sempre uma in-

terrogação diante do seu discurso, para que a reposta sobre o ato apareça na sua fala, produzindo uma localização e uma responsabilização. Através disso outras construções poderão ser realizadas, pelo sujeito que ali se encontra na oferta de escola, trabalho, cultura, esporte e lazer, o jovem tem a possibilidade de se enlaçar para algo que lhe desperte para a vida.

O discurso contemporâneo sobre laço social abre uma possibilidade para os jovens envolvidos com criminalidade, no qual poderá promover a re-significação dos seus desejos, sendo o Programa *Fica Vivo!* um interlocutor dessas novas significações.

Referências

BARROS, Fernanda Otoni de. **A psicanálise e a rede sócio-educativa.** In: Revista de psicologia Plural, Belo Horizonte: Faculdade de ciências humanas - Fumec, n. 28, 2008. (EBP).

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8069. Casa Civil, 13 jul 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em: 28 nov. 2011.

MINAS GERAIS. Programa de Controle de Homicídios *Fica Vivo!* **Sistematização da Metodologia do Programa de Controle de Homicídio *Fica Vivo!*** Belo Horizonte, jun. 2009.

A PERMEABILIDADE DA POLÍTICA DE PREVENÇÃO SOCIAL A CRIMINALIDADE E A ATUAÇÃO COMO POLÍTICA PÚBLICA DE BASE LOCAL.

CUNHA, Viviane Ribeiro
ELIZIO,Thárcio

"Permeabilidade: propriedade de um corpo que se deixa atravessar por um fluxo."

No presente artigo discutimos a partir do tema da intersetorialidade a relação com a ideia de transdisciplinaridade, esse conceito mais antigo e muito trabalhado no campo do conhecimento científico. A transdisciplinaridade visa realizar uma análise crítica do fato das disciplinas nascerem sob o paradigma da disjunção e da redução e se enclausurarem em si mesmas. Para a transdisciplinaridade as disciplinas de forma isolada não dão conta de captar o que está tecido em conjunto, dessa forma, é necessário criar articulações.

Assim, trazendo a idéia de transdisciplinaridade para o funcionamento das organizações, o que se intenciona, mais do que sobrepor ações das organizações, é criar uma nova forma de trabalho para o aparato governamental, com base territorial e populacional. A intersetorialidade é uma forma de trabalho, no campo das políticas públicas e das organizações, que assim como a transdisciplinaridade tem suas raízes na teoria da complexidade.

A teoria da complexidade trabalha com a compreensão da diversidade entendendo que "é necessário superar a fragmentação do conhecimento já que suas clausuras setoriais não dão conta de

enxergar a diversidade"[1]. Dessa forma, "tanto a intersetorialidade quanto a transetorialidade trabalham com a articulação de saberes e experiências para a solução sinérgica de problemas complexos."[2]

Sendo a violência um fenômeno complexo, ocasionado por múltiplos fatores, não será resolvido apenas com repressão ou com ações isoladas dos aparatos governamentais que se encontram desarticulados, mas com a inclusão dos atores protagonistas de atos violentos em toda a estrutura governamental de educação, distribuição de renda, ações sociais, etc. de forma articulada. Apenas assim passará a haver uma preocupação não apenas com a quantidade de atendimentos realizados pelos serviços, mas com a diferença que esses atendimentos fazem na vida dos cidadãos.

Tendo em vista que grande parte dos serviços ainda atuam de forma fragmentada a intersetorialidade seria a montagem de um quebra-cabeças que teria como foco um tema ou um objetivo relacionado às políticas governamentais. Os serviços se articulariam para prover e garantir o acesso integral aos bens e aos serviços públicos.

Para se conseguir que os serviços funcionem dessa maneira, deve ser discutido um aspecto do trabalho dos agentes de uma política pública: a atuação em rede de compromisso social. Com isso, se quer dizer que "o Estado vai permeabilizando-se e abrindo-se à sociedade, trabalhando não em setores, não em clausuras, mas com outros parceiros que também estavam fazendo o provimento de necessida-

---

1. Inojosa, Rose Marie (2001). Página 103.
2. *Idem*.

des e expectativas da sociedade também com uma lógica disciplinar isolada, setorial"[3]. Dessa forma, os atores ligados ao aparato governamental deverão se mobilizar para trabalharem juntos determinado problema da sociedade.

Trabalhar em rede de compromisso social significa que as instituições, os serviços e as pessoas se articularão tendo como foco uma questão/interesse comum, elas se programarão para realizar ações integradas e articuladas para, em seguida, avaliar os resultados dessas ações e reformulá-las, caso necessário. Dessa forma, "o termo rede sugere a idéia de articulação, conexão, vínculos, ações complementares, relações horizontais entre parceiros, interdependência de serviços para garantir a integralidade da atenção aos segmentos sociais vulnerabilizados ou em situação de risco social e pessoal"[4]. A plasticidade, o dinamismo, a autonomia e a descentralização da rede que aparentemente são características que a torna frágil fornecem a sua maior força, a rede se mantém apenas pela vontade de seus integrantes.

As redes formadas pelo programa Fica Vivo! deverão, fundamentalmente, identificar estratégias de intervenções capazes de promover mudanças significativas no projeto de vida dos jovens atendidos. Para o Fica Vivo! a rede é uma poderosa estrutura direcionada à troca de informações, à produção de conhecimento, à promoção de intervenções e ações conjuntas.

A experiência de rede que traremos nesse artigo ilustra a possibilidade de formação de uma rede na qual cada serviço ou instituição

---

3. Inojosa, Rose Marie (2001) . Página 107.
4. Bourguignon, Jussara Ayres (2001).

decide sobre suas atuações, mas a articulação com outros serviços e instituições possibilitam a qualificação das ações através da troca de informações, apoio no desenvolvimento das intervenções e da atenção conjunta às necessidades dos atendidos, antes porém faz-se necessária uma apresentação do programa Fica Vivo!,e da forma que a metodologia trata o trabalho em rede.

O Projeto e o Programa e Programa Fica Vivo!

Em 2002 foram realizadas pesquisas pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (CRISP/UFMG) e os resultados deram visibilidade as discussões sobre o acentuado crescimento do número de homicídios em Belo Horizonte. Além de considerar esse crescimento dos números a análise que foi feita considerando a divisão espacial das ocorrências dos homicídios apontou para como fenômeno concentrava-se em determinadas regiões da cidade, e como era evidente existia um certo padrão para os homicídios ocorridos em certas vilas e favelas. Os protagonistas (vitimas e algozes) dos homicídios eram, em sua maioria, jovens, negros, do sexo masculino e com idade entre 15 e 29 anos e envolvidos em disputas, que tinham (e tem) acesso a armas de fogo.

Os dados previam uma implosão da criminalidade considerando que vitimas e agressores eram em sua maioria vizinhos e coabitavam regiões especificas territórios contíguos, territórios esses que continham demarcações simbólicas. Essas que refletem o estado das relações sociais, representadas pelas rivalidades, assim conformam afirmação dos grupos em conflito.

Ainda no ano de 2002 o CRISP/UFMG apresenta para os comandantes encarregados da chefia das policias civil e militar a proposta de um curso. Focado na discussão de ampla literatura internacional sobre experiências em programas de controle de homicídios, tendo esse curso um produto final, a elaboração de um projeto de controle de homicídios adaptado ao contexto de Belo Horizonte.

Ao final desse curso e já com o olhar orientado para percepção de quão centrais são as questões das gangues e dos ciclos no sistema penal (uma vez que grande parte dos envolvidos em homicídios eram pessoas que já haviam cometido outros atos infracionais e muitos já tinham passagem pelo sistema prisional) os participantes do curso formaram um grupo de trabalho, composto por dois subgrupos um sendo responsável pelas ações estratégicas e articulações nas intervenções institucionais, e outro responsável pela mobilização social.

O Programa Fica Vivo! é assim parte integrante da composição da política de prevenção social à criminalidade, e sua atuação se dá partir dessa articulação dos eixos de proteção social e intervenção estratégica. O programa visa controlar e prevenir a ocorrência de homicídios dolosos em áreas que registram altos índices de criminalidade violenta em Minas Gerais.

Como objetivos específicos o Programa Fica Vivo!, visa problematizar questões de segurança pública, em especial, a letalidade juvenil, coresponsabilizando poder público e sociedade civil pelo desenvolvimento de ações de proteção social. Favorecendo assim a realização de ações de repressão qualificada e desenvolver ações de

proteção social, articulando-as a partir de uma concepção de prevenção à criminalidade. Tudo isso a partir do atendimento a jovens de 12 a 24 anos, nas regiões onde o Núcleo de Prevenção à Criminalidade de base local está implantado.

A Atuação do Programa

O Programa Fica Vivo! Tem maior visibilidade nas ações em oficinas[5] e ações junto a comunidade do local onde está instalado o programa, mas os fluxos seguem caminhos mais extensos que. Como já dito a atuação do programa se dá em dois eixos de trabalho, intervenção estratégica e proteção social, a seguir para efeito de explicação iremos expor cada um deles de forma separada.

O eixo Intervenção Estratégica, tem como objetivo articular e promover a integração dos órgãos do Sistema de Defesa Social e Justiça Criminal. É responsável também pela realização de Estudos Técnicos e capacitações dos representantes das instituições do Sistema de Justiça Criminal que estabelecem parceria com o Programa. Dentre as ações desse eixo destaca-se criação e operacionalização de Grupos de Intervenção Estratégica, grupo misto composto por representantes da Secretaria de Estado de Defesa Social, lideranças da Polícia Militar (comandantes do GEPAR), representando a Polícia Civil delegados responsáveis pelas Delegacias de Polícia de base

5. As oficinas do Programa Fica Vivo são formas acesso e atendimento aos jovens. Estas são articuladas as demandas e características das áreas atendidas,considera-se aspectos criminais, culturais, sociais, históricos e geográficos. As oficinas estão espalhadas de forma estratégica por diferentes locais das áreas de abrangência do Núcleo de Prevenção à Criminalidade articulando aspectos da singularidade do jovem e o acesso aos direitos sociais.

local, representantes do ministério público, representações do judiciário sendo que os respectivos juízes criminais, da vara infância e Adolescência e da Vara de Tóxicos sendo atravessados com as temáticas tem participação garantida no grupo que visa a partir das articulações integrar os órgãos de defesa social e sistema de justiça promovendo assim a operacionalização de ações de repressão qualificada, através de levantamento de inteligência policial e do perfil de envolvidos com a dinâmica criminal[6]; Visa também proporcionar a integração dos órgãos de Defesa Social e Sistema de Justiça.

O eixo de Proteção Social se constitui a partir de ações de atendimento e de trabalhos em rede. Os atendimentos visam favorecer a construção de modos de vida distintos do envolvimento direto com a criminalidade, apresentando essa possibilidade aos jovens atendidos de 12 a 24 anos

das regiões atendidas pelo programa. O eixo de proteção social tem ponto de partida nas ações encabeçadas pelo equipamento chamado Centro de Prevenção à Criminalidade esse equipamento comporta geralmente os programas Fica Vivo e Mediação de Conflitos (existem casos de CPCs que tem apenas Fica Vivo e existem casos de que outros programas da Política de Prevenção estão alocados no CPC). Tais ações são planejadas e executadas por uma

6. Para uma leitura da dinâmica criminal devem ser considerados fatos e fenômenos de natureza social, cultural, territorial, criminal que interfiram na incidência de crimes em um local. São múltiplos os fatores que interferem nessa incidência,entre os mais recorrentes citamos: relações de rivalidades históricas; restrição da circulação da população em determinas áreas; disputa por territórios; focos de vulnerabilidade social; formas de sociabilidade nas comunidades; tipos de crimes mais comuns; localidade onde os crimes ocorrem; locais de uso e distribuição de drogas; horário que os crimes acontecem; faixa etária das vítimas e dos agressores; difusão das informações sobre a criminalidade, entre outros.

equipe composta, basicamente, por técnicos sociais e estagiários de formação multidisciplinar, articulados a figura do gestor social e do supervisor metodológico. Além dessa equipe, o Programa se realiza no trabalho dos oficineiros. Estes personagens centrais da política se articulam ao Programa para a execução das oficinas, além dessa existem outras formas de atendimento aos jovens, acolhimento, encaminhamento e atendimento psicossocial, esses são os instrumentos previstos pela metodologia do Programa Fica Vivo!.

O Programa parte do diagnostico feito pelo CRISP/UFMG de que uma estrutura de atendimento público já exista. Esta estrutura geralmente é formada por instituições de educação, saúde e assistência social. Sendo os centros de saúde e as escolas equipamentos que representam essas instituições. Articuladas a essa estrutura é salutar a existência das associações comunitárias, organizações não governamentais e lideranças comunitárias na região. O Centro de Prevenção à Criminalidade se insere nessa lista de equipamentos públicos de base local, representando a defesa social nas áreas onde está implantado.

O trabalho em rede desenvolvido pelo Eixo de proteção social objetiva identificar as demandas dos cidadãos atendidos e moradores da região e também das instituições e encaminhar aos responsáveis por processar tais demandas fomentando uma rede de co-responsabilização. Dentre as funções do trabalho em rede está incluir na pauta de discussão com os parceiros locais o tema da prevenção social à criminalidade e acompanhamento dos jovens envolvidos e atravessados pela criminalidade. Para ilustrar sobre o trabalho em rede, será feita uma analise do encaminhamento de uma demanda especifica ao qual tivemos contato no ano de 2011.

A demanda[7]

Desde o fim do segundo semestre de 2011 os dois programas que atuam no Centro de

Prevenção a Criminalidade Minas Caixa – Fica Vivo! e Mediação de Conflitos – compartilharam leituras da dinâmica criminal territorial que apontavam para situações de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes no território. As leituras realizadas pelos programas se configuraram a partir de informações que chegaram desde o fim do segundo semestre de 2011 para ambos programas através de atendimentos realizados pelo Programa Mediação de Conflitos, através de relatos de oficineiros, jovens e até mesmo notícias que se espalhavam pela comunidade.

É nesse contexto que em agosto, em uma reunião do Centro de Prevenção, chega uma situação de forma bastante contundente: estavam ocorrendo situações de abuso sexual no espaço de uma escola municipal da região. Ambos os programas iniciam, então, uma discussão sobre os jovens envolvidos nos relatos de abuso e exploração sexual.

O processamento da demanda e seus efeitos[8]

A partir de tais discussões os programas entram em contato com instituições da rede no intuito de se informarem sobre a situação do jovem que possivelmente estaria envolvido no caso de violência sexual da escola. Sendo assim, na reunião do Centro de Prevenção de

---

7. Vide Esquema 1
8 Vide Esquema 2

setembro os programas trazem retornos sobre a situação do jovem e a equipe diz da dificuldade de realizar o Fórum Comunitário na região devido a dificuldade de trabalhar nesse formato com as instituições locais e devido a necessidade da equipe de trabalhar, naquele momento, em um campo de ações empiricamente realizáveis.

A partir disso, em setembro, foi elaborada de forma mais concreta a possibilidade de realização de um Grupo de Trabalho. Esse GT teria como proposta trazer casos, situações e demandas relacionadas aos fatores de risco identificadas na região e no território e as questões de abuso e exploração sexual seriam um foco de atenção do Grupo de Trabalho. As equipes pontuaram a importância de convidar diversos atores da rede no intuito de se valerem desses atores para se apropriarem mais das situações trazidas.

Em outubro acontece o primeiro dos cinco encontros realizados até então pelo Grupo de Trabalho com a temática "violências no território". Durante esses encontros houve a presença de grande parte dos serviços da rede local, como Centro de Saúde Minas Caixa, Comissão Operativa Local do PAIR – Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto Juvenil no Território Brasileiro –, Conselho Tutelar, Assistência Social regional Venda Nova, Medidas socioeducativas de PSC e L.A., creche Recanto Verde, oficineiros do Fica Vivo!, Companhia Cóccix Teatral, CEAPA, PRESP, GEPAR 14/Boréu, Obra Social Kolping, o Padre da região, Associação Comunitário do bairro Serra Verde, Escola Estadual Getúlio Vargas, Escola Municipal Dora Tomich, Escola Municipal Xavier Nogueira, Escola Coronel Manoel Soares do Couto, um representante

dos vicentinos, além do programa Fica Vivo!, programa Mediação de Conflitos, gestão social do Centro de Prevenção e supervisão da gestão social.

O Grupo de Trabalho mostrou ser uma ação de articulação da rede de proteção social de grande efetividade, ele propiciou a obtenção de muitos resultados importantes tendo em vista a seriedade da demanda que chegou até os atores da política de prevenção. Foi possível, abordar além do tema de violência sexual, relatado por vários do parceiros da rede, temas relativos a drogas, estrutura familiar e direitos. Tornou-se possível, também, uma aproximação qualificada entre os serviços que compõe a rede local, bem como a execução de ações em conjunto com os programas, possibilitando o reconhecimento da importância do Centro de Prevenção no território enquanto uma política de prevenção social à criminalidade que tem muito a dizer sobre as dinâmicas sociais e criminais, bem como proporem ações e intervenções relevantes.

A partir da maior aproximação com os programas e serviços locais foi possível realizar articulações de grande importância com a rede. Inicialmente, foi possível a articulação do Centro de Prevenção com a Comissão Operativa Local do PAIR a partir do convite realizado pela técnica da medida sócio-educativa de PSC, Angélica, que faz parte do Grupo de Trabalho e é representante da COL-PAIR Venda Nova. O Centro de Prevenção foi convidado para participar como parceiro em ações de prevenção, conscientização e sensibilização realizadas todos os anos pelo PAIR em três datas: o Carnaval, 18 de maio e Semana da Criança. Além disso, a assistente social da regional

de Venda Nova, representante da COL-PAIR Venda Nova, convidou o Centro de Prevenção para participar da COL Ampliada - uma reunião com as Comissões Operativas Locais de todas as regionais de BH.

O Grupo de Trabalho também propiciou o convite do Centro de Saúde Minas Caixa ao Centro de Prevenção para apresentar os programas que estão localizados no CPC durante uma capacitação de alguns profissionais do Centro de Saúde, como ACS e atendentes. Tanto o programa Fica Vivo! como o programa Mediação de Conflitos compareceram durante os três dias desta capacitação apresentando as metodologias, o público-alvo de cada programa, esclarecendo dúvidas e distribuindo folhetos com contatos do PMC, além do quadro de oficinas do FV!. Essa é uma parceria que consideramos muito importante uma vez que esses profissionais da saúde, assim como nós, trabalham tendo em vista o território do bairro Minas Caixa e possuem o diferencial de estarem diariamente em contato com jovens e famílias de toda a comunidade.

Além disso, no início de 2012, tendo em vista a mudança da diretoria de muitas escolas da região, os programas FV! e Mediação de Conflitos, junto com a gestão social do Centro de Prevenção, tentaram iniciar uma relação com as escolas através de reuniões e visitas às escolas para (re)convidá-las a participar do primeiro Grupo de Trabalho do ano. Após alguns contatos diretos com as escolas, muitas delas participaram do último Grupo de Trabalho e se aproximaram ainda mais dos programas, oferecendo as escolas para as ações do GT, se abrindo ainda mais para ações específicas dos programas, como realização das oficinas nos espaços escolares, e nos convidando para participar de ações das escolas.

Considerações

A partir da pesquisa para a confecção desse artigo, ficaram claros os inuemros desafios na relação com a rede que cumprem ser mencionados; os poucos serviços e instituições existentes na rede se configuram de forma desarticulada e fragmentada. Um dos desafios é fazer com que a rede se implique com as questões que lhe são próprias e singulares e que, ao mesmo tempo, possam em determinados momentos, se articular com os demais "pontos" dessa rede a partir de demandas e situações que se apresentem. Para isso, é necessário sensibilizar os atores sobre os avanços possíveis gerados a partir desta tomada de postura institucional e da experiência do Grupo de Trabalho que o Centro de Prevenção à Criminalidade propõe enquanto um dos pontos de articulação desta rede.

Outro desafio, que pode ser compreendido como um efeito do que foi citado acima, diz respeito ao reconhecimento que os serviços farão, em alguns momentos, do Centro de Prevenção por este estar se colocando como principal ponto articulador da rede. Esse efeito pode tornar-se perverso, uma vez que passamos a ser vistos como o principal ator responsável por convocar, articular e mobilizar os demais atores. Deste modo, é essencial que a rede compreenda que esse papel, inicialmente desempenhado por nós, deve se tornar responsabilidade de todos e assim, fazer com que essa ação seja multiplicada em todos os serviços, inclusive àqueles os quais o Centro de Prevenção ainda não alcança.

Bibliografia

Bourguignon, Jussara Ayres (2001). "Concepção de rede intersetorial". Disponível em: http://www.uepg.br/nupes/intersetor.htm

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Gestão Social: alguns apontamentos para o debate.** *In:* RICO, Elizabeth de M. e RAICHELIS, Raquel (orgs.) Gestão Social: uma questão em Debate. São Paulo: EDUC; IEE, 1999. p. 19 – 29.

GUARÁ, Isa M. Ferreira da Rosa et. al. **Gestão Municipal dos serviços de atenção à criança e ao adolescente.** São Paulo: IEE/PUC – SP; Brasília: SAS/MPAS, 1998.

INOJOSA, Rose Marie (2001) "Sinergia em políticas e serviços públicos: desenvolvimento social com intersetorialidade". In: Cadernos FUNDAP, n.22, 2001, p. 102-110. Metodologia do Programa Fica Vivo!. Disponível http://cmdss2011.org/site/wp- content/uploads/2011/07/Programa-de-Controle-de-Homic%C3%ADdios--%E2%80%93-Fica-Vivo.pdf Acesso em Março 2012.

Anexos

Anexo 1

Formas através das quais as demandas chegam ao Programa Fica Vivo!

Anexo 2

Formas de processamento das demandas pelo Programa Fica Vivo!

DIRETORIA PROGRAMA FICA VIVO!

- Demandas qualificadas (intervenções estratégicas)
- Articulações a níveis institucionais

REDE DE INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

- Articulações diretas;
- Encaminhamento e orientação;
- Gepar

ESCOLAS COMUNIDADE

LIDERANÇAS COMUNIDADE

OFICINAS

- Processamento de demandas, através de oficinas e atendimentos psicossociais

ARTICULANDO SEXUALIDADE À POLÍTICA DE PREVENÇÃO A CRIMINALIDADE COM A JUVENTUDE

Michelle de Paula dos Santos
Thaline Bárbara de Paiva Campos

Sabemos que desde os primórdios da vida do ser humano, a sexualidade está presente e expressa em diferentes formas de buscas de satisfação e prazer.

E, para ampliar o entendimento sobre a sexualidade como algo que vai além do ato sexual, podemos contextualizar os fatores que lhes são implícitos, como a relação de gênero, afetividade, homo-afetividade, etc.

Atuando no Programa Fica Vivo! na regional Citrolândia em Betim, nos deparamos com o universo dos jovens entre 12 e 24 anos, que estão vivenciando um período de descobertas seja de novas relações, seja de si, sendo uma delas a sexualidade, uma vez que estão em pleno desenvolvimento físico, passando pelas transformações hormonais próprias da juventude e que intensificam as emoções e impulsos sexuais.

Por estarmos inseridos em uma política de prevenção a criminalidade, que atua considerando as singularidades territoriais, históricas e subjetivas, e tendo em vista que as imposições históricas sobre a vivencia da sexualidade é algo que perdura até a contemporaneidade, e se reproduz indiscriminadamente, sem questionamentos, e principalmente, é algo que se situa dentro do contexto de divisão

social de classes, uma vez que ainda se considera o gênero feminino frágil e passível de submissão e a homo-afetividade como algo "anormal" ou errado dentro de uma determinada conjuntura social, a relação estabelecida do jovem com o universo da sexualidade reproduz comportamentos de violência que carregam contribuições do contexto em que vivem e das escolhas individuais. Por isso, partir de uma compreensão ampla diz de que é importante compreender que as relações de gênero e afetividade são elementos que influenciam diretamente no contexto de violência estabelecido em determinada região, e que a partir dessas relações, onde supostamente estejam implícitos a subalternização de gênero, o preconceito, a homofobia, o machismo, e o não reconhecimento da liberdade de escolher e experimentar as possibilidades de viver a sexualidade produzem e reproduzem ciclos de violência e criminalidade.

Tendo isso, identificamos a demanda de dialogar com os jovens sobre o universo da sexualidade, tido como tabu, e o desafio que estava posto era como estabelecer um canal aberto de diálogo sobre uma temática tão delicada e particular. O primeiro passo foi receber as informações trazidas pelos oficineiros, considerando a diversidade do público atendido, e a partir daí elaborar uma estratégia de intervenção que fosse possível dentro dessa diversidade e assim buscamos diante disso orientar nosso trabalho numa perspectiva interdisciplinar.

Partimos então para a elaboração de um jogo que tratasse a temática de forma leve e que trouxesse conceitos importantes e proporcionasse oportunidades de reflexões sobre as decisões, as viven-

cias, conceitos, crendices e a postura adotada diante a sexualidade. Além de ser um possível instrumento facilitador para o oficineiro na condução da discussão sobre a temática.

O jogo foi elaborado, tendo como termômetro avaliador a participação e interação do jovem, e apesar de ter uma metodologia, o mesmo foi aplicado considerando o tempo e as singularidades do grupo de jovens participante além de possuir uma interatividade e sensibilidade em manejar as problematizações trazidas por eles. Assim, dialogamos sobre mitos e verdades a cerca do sexo, sexualidade, saúde, gênero, orientação sexual, fatores biológicos e o que mais for trazido por eles.

A experiência que trazemos só foi possível por que o Programa Fica Vivo! busca estabelecer um vinculo com os jovens que ultrapassa o aprendizado do ofício e abre-se para outras formas de interação, e intervenções que fomentam a participação ativa e cuidadosa do público atendido, uma vez que o jovem é visto e tido como protagonista de sua vida e de uma cultura local. E, mesmo o jogo sendo construído a partir da realidade vivenciada pelos jovens atendidos pelo Programa Fica Vivo! Citrolândia, sua metodologia é flexível e passível de adequações de acordo com as singularidades de outros territórios.

SEXUALIDADE VIVA! O JOGO

Equipe Técnica CPC – Citrolândia e Oficina de Saúde Itinerante.

O jogo, Sexualidade Viva! é uma estratégia para dialogar com os jovens temas relacionados a sexualidade, gênero e homoafetividade de maneira interativa. O objetivo é construir com os jovens, reflexões sobre a sexualidade compreendendo os diversos fatores que a perpassam e os possíveis efeitos desta relação no cotidiano, tentando promover uma quebra de paradigmas que são reproduzidos sem questionamentos.

Atividades:

A atividade é pensada para ser desenvolvida em cinco fases, contudo, deve-se considerar a aceitação dos jovens pela atividade e conduzi-la de acordo com a interatividade e interesse dos mesmos. Para brincar com os jovens é trazido para o jogo algumas fantasias para incentivar um clima descontraído da atividade.

1. Dinâmica Quebra Gelo

Objetivo: Propiciar um ambiente descontraído, onde todos possam se expressar de maneira livre, desprendendo-se dos tabus sociais.

» As equipes devem escrever em uma folha, os nomes populares (a maneira que com que eles nomeiam, apelidam) dos órgãos genitais, masculino e feminino.

» **Critério de pontuação**: Nessa etapa, a equipe que apresentar maior criatividade e uma lista mais extensa ganha o direito de escolher uma fantasia para colocar em um membro da equipe adversária.

2. Mitos e Verdades

Objetivo: Busca desconstruir com os jovens noções pautadas no senso comum sobre proteção e promoção à saúde e crenças acerca do ato sexual e da vivência da sexualidade.

» Se constitui em dois blocos, cada um com uma lista de dez afirmações sobre sexo, sexualidade, afetividade, relações de gênero e homoafetividade (sugestão - vide blocos em anexo – é recomendável que se faça um sorteio entre os blocos para aplicar em cada oficina, os blocos são compostos por 9 perguntas ficando uma para o caso de empate).

» **Critério de pontuação**: Nessa etapa é contado como ponto quando a equipe acerta se a afirmação e verdadeira ou falsa. A equipe que marcar mais pontos pode escolher uma fantasia para colocar em um membro da equipe adversária.

3. Perguntas e Respostas

Objetivo: Espera-se proporcionar ao jovem, uma explicação, sucinta, porém clara sobre a relação do ato sexual com as funções do organismo e alterações no corpo, a fim de provocar uma reflexão da dimensão do sexo e da sexualidade para além do ato.

» São questões fechadas, estruturadas com 3 alternativas, sendo apenas uma a correta, relacionadas ao conhecimento do corpo humano (vide questões em anexo).

» **Critério de pontuação**: Nessa etapa ganha a equipe que acertar o maior número de perguntas. A equipe que marcar mais pontos pode escolher uma fantasia para colocar em um membro da equipe adversária.

4. Relacionando a Diversidade

Objetivo: Proporcionar um espaço onde os jovens possam expressar suas impressões sobre a diversidade sexual e a formas de viver sexualidade.

» Se constitui em um painel com figuras e a descrição de perfis (fictícios), vinte em média, onde os jovens ao visualizarem, tentam identificar a possível orientação sexual de cada sujeito exposto no painel. Esses perfis contêm informações sobre: estado civil, raça, religião, profissão, hobby e etc.

Exemplo: "Joana está solteira e tem 36 anos. É budista, reside com 2 amigas na região do Barreiro, trabalha em um escritório de contabilidade e gosta de jogar baralho nas horas vagas."

Importante: Nessa fase é distribuido entre as equipes uma lista descrevendo a diversidade de orientações sexuais e o que define e distingue cada uma delas.

» **Critério de pontuação:** Nesta etapa não é contabilizado pontos, uma vez que não se pode considerar erros ou acertos no que tange a diversidade sexual e a atividade visa justamente a quebra de concepções estereotipadas. O que pode e deve ser avaliado é a participação das equipes.

5. Roda de Conversa

Objetivo: Oferecer um espaço para os jovens expressarem suas percepções sobre a atividade, relacionarem o tema e as discussões com suas vivencias e trazer opiniões, dúvidas e saberes a respeito do que entendem sobre a diversidade sexual e a sexualidade, e através

da escuta poderemos provocar a reflexão sobre o pensar historicamente construído. É importante ressaltar que nenhuma dessas etapas devem ser impostas.

ANEXO 1

BLOCO A – MITOS E VERDADES.

» Todas as meninas sentem dor e sangram na primeira vez que transam?

R: **MITO**, quanto mais relaxada e lubrificada a garota estiver, menor a chance de sentir dor. O sangramento depende do tipo de hímen que a menina tiver. Devido a disposição dos vasos sanguíneos, alguns hímens não sangram ao serem corrompidos, outros mais elásticos (chamados complacentes), não se rompem na primeira relação, não havendo sangramento.

» Sexualidade e algo além do sexo.

R: **VERDADE**, a sexualidade se define por um conjunto de fatores que transcendem o ato sexual em si. A sexualidade envolve a atração, o cuidado, os sentidos, os gestos, as atitudes e etc... Viver a sexualidade é estar aberto a descobertas.

» A mulher tem mais vontade de transar quando está menstruada?

R: **MITO**, não existe uma regra dizendo quando a mulher tem a vontade de transar. Algumas sentem o desejo antes, outras depois e outras durante o período menstrual.

» A camisinha é utilizada na prevenção de DST's e gravidez.

R: **VERDADE**.

» Colocar uma camisinha sobre a outra diminui o risco de gravidez?

R: **MITO**, usar dois preservativos ao mesmo tempo provoca atrito no látex (borracha da camisinha) o que aumenta as chances do material se romper. Ao invés de se proteger em dobro, você se coloca em risco de contrair DST ou mesmo engravidar. Também não se deve usar a camisinha masculina e feminina em uma mesma relação sexual.

» Gostar de carícias na região anal, não significa que o homem seja gay.

R. **VERDADE**. O homem não precisa sentir atração por outros homens para gostar dessas carícias. Muitos heterossexuais curtem carícias no períneo sem terem tendências homossexuais. O períneo, a região entre o ânus e os testículos, é uma das partes mais erógenas do corpo masculino.

» Nenhuma garota engravida na primeira transa.

R: **MITO**, algumas garotas ovulam antes da primeira menstruação, por isso é possível ocorrer a gravidez de uma garota que teve relação sexual antes da sua menarca. Seja na primeira, na quinta ou na vigésima relação sexual, deve-se sempre usar preservativos durante as relações sexuais. É importante também procurar um médico para fazer um acompanhamento e a prescrição de anticoncepcionais.

» Dar e ter prazer são essenciais.

R: **VERDADE**, o sexo não deve ser monótono, entediante e muito menos tenso, mesmo que já vivam juntos há muito tempo ou acabem de se conhecer. Melhor maneira de desfrutá-lo é com descon-

tração, assumindo as falhas ou pudores, sendo verdadeiro com as próprias vontades e sensações.

» O quadril alarga depois que a menina perde a virgindade.

R: **MITO**, o sexo não muda nada no corpo da garota. O quadril não alarga, os seios não aumentam e nem as coxas engrossam. O que geralmente ocorre é que a menina tem sua primeira relação sexual no mesmo período em que as mudanças naturais, hormonais, da adolescência estão ocorrendo.

BLOCO B – MITOS E VERDADES

» É possível, para a mulher, chegar ao orgasmo com o sexo anal.

R: **VERDADE.** Lembre-se sempre, de que não é só com penetração vaginal que se chega ao orgasmo, – existem infinitas possibilidades. Qualquer estímulo que mantenha você excitada é capaz de levar à loucura. Sexo anal pode ser uma opção entre várias.

» Sexo oral é sexo seguro.

R: **MITO**, sexo oral não engravida e sempre foi tido como uma atividade de menor risco, mas não é considerada sem risco algum. Vale lembrar que outras doenças sexualmente transmissíveis, como sífilis, herpes e gonorreia, podem ser facilmente transmitidas via sexo oral.

» Após a interrupção do uso da pílula anticoncepcional a mulher volta a ovular.

R: **VERDADE**. A pílula anticoncepcional previne a gravidez enquanto a mulher está usando regularmente; após um a três meses depois de interrompido o uso da pílula a mulher já volta a ovular normalmente.

» Quando o homem não ejacula, ele não corre o risco de pegar DST.

R: **MITO,** há risco de se contaminar com AIDS e DST em todas as relações sexuais, a única forma de prevenir essas doenças é com o uso da camisinha.

» O desejo sexual e o direito de desfrutar dele são iguais para homens e mulheres.

R: **VERDADE**, tanto o homem, quanto a mulher sentem desejo e vontade de ter relações sexuais, e os dois têm o direito de sentir prazer. Não existe diferença por ser homem ou mulher.

» Você pode pegar DST nadando na mesma piscina que alguém contaminado.

R: **MITO**, DST's são passadas através do sexo pelo contato das mucosas, dos fluidos seminais, vagina ou do sangue.

» Meninas adolescentes podem se masturbar.

R: **VERDADE**, a masturbação é uma forma natural de conhecer o próprio corpo e de sentir prazer. As adolescentes mulheres se masturbam tanto quanto os adolescentes homens a diferença é que geralmente as adolescentes mulheres não ficam falando sobre masturbação como os adolescentes homens.

» Se não perder a ereção pode usar a mesma camisinha no segundo tempo.

R: **MITO**, se o homem ejacular na primeira transa o reservatório da camisinha fica cheio de esperma, mesmo que não perca nem um pouquinho da ereção as chances de o sêmen vazar na segunda rodada são grandes. Além disso, o liquido (sêmen) funciona como

um lubrificante interno do preservativo, e por isso, pode ocorrer que a camisinha escorregue e fique dentro da vagina sem que o casal perceba.

» Estar se relacionando sexualmente com uma pessoa significa, também, ter cuidado e respeitar os limites do outro.

R: VERDADE, não devemos mexer ou tocar no corpo de outra pessoa se essa não permitir, e não devemos deixar que mexam no nosso corpo quando não queremos. Cuidar do próprio corpo é responsabilidade de cada um.

BLOCO C – MITOS E VERDADES

» Lavar a vagina depois do sexo com um jato d'água previne a gravidez.

R: **MITO**, a ejaculação acontece no fundo da vagina e os espermatozoides podem passar rapidamente para dentro do útero, a ducha vaginal não consegue alcançar os espermatozoides que já estão dentro do útero. A ducha vaginal não é indicada, ela muda o interior da vagina e pode tirar a camada de proteção e lubrificação.

» A gravidez ou a prevenção dela não é responsabilidade apenas da mulher.

R: **VERDADE,** quem engravida é a mulher , mas os homens também precisam se preocupar com a prevenção da gravidez; e se esta acontecer, é importante que ele esteja envolvido em todo o período de gestação.

» A saliva pode ser usada para lubrificar melhor a camisinha.

R: **MITO**, a saliva estraga a borracha da camisinha, tornando seu rompimento mais fácil. Por outro lado a falta de lubrificação aumenta o atrito com o látex, corroendo o material. A solução é ter em mãos um lubrificante a base de água, que não corrói o preservativo, nem causa irritação na mucosa vaginal ou anal.

» Nem todo atraso no ciclo menstrual é sinônimo de gravidez.

R: VERDADE, a menstruação pode atrasar por vários motivos como ansiedade, nervosismo, etc... Na adolescência é muito comum ciclos menstruais irregulares. Para saber se está ou não grávida é necessário fazer um exame.

» Urinar depois de transa previne as DST`s.

R: **MITO**, ir ao banheiro após a transa só serve mesmo para aliviar a bexiga, a urina não leva vírus e bactérias para fora do organismo.

» A polução noturna acontece com todos os adolescentes homens.

R: **VERDADE,** a polução noturna acontece quando, involuntariamente o menino ejacula enquanto está dormindo, isso acontece geralmente na adolescência. Não indica falta ou excesso de sexo e não está relacionado com o fato de já ter tido ou não relações sexuais.

» Homens com pênis comprido dão mais prazer para as mulheres.

R: **MITO**, a parte da vagina que tem mais sensibilidade está no seu primeiro terço, e a maioria das mulheres atingem seu orgasmo com a estimulação do clitóris, então um pênis comprido não garante nada nesse sentido; pelo contrario, pênis muito longos podem causar desconforto na mulher durante a penetração.

» Meninas que ainda não transaram podem usar absorvente interno.

R: VERDADE, na maioria das mulheres o hímen (pele que recobre a entrada da vagina nas mulheres que ainda não tiveram relações sexuais) tem uma abertura que permite a entrada do absorvente interno sem o rompimento.

» O sexo é algo que deve ser ensinado e aprendido.

R: **MITO,** existem maneiras diferentes e variadas de desfrutar o sexo. O melhor é abrir o jogo para o parceiro (a), permitir que se descubram e construam sua própria maneira de se relacionarem sexualmente.

ANEXO 2

PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Quais são os principais hormônios responsáveis pelo desenvolvimento do corpo?

   a) Testosterona, Estrógeno e Progesterona.

   b) Estrógeno, Prolactina e Melanina.

   c) Espermatozoide, Progesterona e Óvulo.

2. Existem duas características que surgem na adolescência que indicam a capacidade de reprodução (ter filhos). Quais são?

   a) Pelos no corpo e crescimento dos seios.

   b) Ovulação e crescimento dos músculos.

   c) Ovulação e Ejaculação.

3. Quais os métodos contraceptivos (que evitam a gravidez) e doenças sexualmente transmissíveis?

   a) Pílulas e injeções anticoncepcionais e coito interrompido.

b) DIU, Diafragma e Espermicida.

c) Camisinha masculina e Camisinha feminina.

4. Qual órgão responsável pela ovulação e qual órgão responsável pela produção de espermatozoide?

a) Útero e Próstata.

b) Testículos e Ovários.

c) Bexiga e Bolsa escrotal.

5. O aparelho genital externo feminino e masculino é composto por:

a) Pênis, Glande, Prepúsculo e Bolsa escrotal. Pequenos e grandes lábios, clitóris e Vulva.

b) Testículos Uretra e Pênis. Vulva grandes lábios e ovários.

c) Bolsa escrotal, Uretra e glande. Pequenos lábios, clitóris e útero.

INSTITUTO ELO

FICA VIVO!

GOVERNO DE MINAS

DEFESA SOCIAL